

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE: TÉCNICA E TEORIA

RUDIMAR MENDES

DO DECLÍNIO DA FIGURA PATERNA
AS NOVAS FORMAS DA OPERAÇÃO DA FUNÇÃO

SÃO LEOPOLDO
2018

Rudimar Mendes

**DO DECLÍNIO DA FIGURA PATERNA
AS NOVAS FORMAS DA OPERAÇÃO DA FUNÇÃO**

Artigo apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Especialista em
Psicanálise, pelo Curso de Especialização
em PSICANÁLISE: TÉCNICA E TEORIA
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos
– UNISINOS

Orientador: Profa. Dra. Henriete Karam

São Leopoldo
2018

DO DECLÍNIO DA FIGURA PATERNA
AS NOVAS FORMAS DA OPERAÇÃO DA FUNÇÃO

DÉCLIN DE LA FIGURE PATERNA LES NOUVELLES FORMES DU
FONCTIONNEMENT DE LA FONCTION

Rudimar Mendes*

Profa. Dra. Henriete Karam**

Resumo: O presente texto consiste no resultado de pesquisa bibliográfica realizada com o objetivo de analisar, a partir dos pressupostos etnográficos, mais especificamente das formulações de Claude Lévi-Strauss, a passagem do estado de natureza ao estado de cultura como condição de possibilidade do acesso à linguagem, assim como de examinar, na obra de Sigmund Freud, o conceito de figura paterna enquanto elemento mitológico fundador da cultura, em contraponto ao conceito, proposto por Jacques Lacan, de função paterna, que permite articular a tese lacaniana do declínio da função paterna como as novas formas de gozo na contemporaneidade.

Palavras-chave: Função Paterna. Sinthoma. Contemporaneidade.

Résumé: Le présent texte est le résultat d'une recherche bibliographique effectuée dans le but d'analyser, à partir des hypothèses ethnographiques, plus spécifiquement des formulations de Claude Lévi-Strauss, le passage de l'état de nature à l'état de culture comme condition de possibilité d'accès. à la langue, ainsi que d'examiner dans le travail de Sigmund Freud le concept de figure paternelle comme élément mythologique fondateur de la culture, par opposition au concept proposé par Jacques Lacan de la fonction paternelle qui permet d'articuler la thèse lacanienne du déclin de la fonction comme de nouvelles formes de plaisir à l'époque contemporaine.

Mots-clès: Fonction paternelle. Sinthome. La contemporanéité.

* Mestre em Filosofia (UNISINOS). Professor da graduação e pós-graduação (FSG). Docente nas disciplinas de Teoria Psicanalítica e supervisão Clínica. Membro – analista da Escola de Estudos Psicanalíticos. E-mail: rudimar-mendes@hotmail.com.

** Mestre em Teoria Literária (PUCRS). Doutora em Estudos Literários (UFRGS). Professora Colaboradora do PPG Letras da UFRGS. Membro Fundadora da Rede Brasileira Direito e Literatura (RDL). Editora-chefe da Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura. Psicanalista.

1 INTRODUÇÃO

Observamos que, a cada contexto histórico, novas mudanças de paradigmas se apresentam. Um dos elementos que evidenciamos, na contemporaneidade, diz respeito à queda do patriarcado, descrito por Lacan (1938) como o declínio social da imago paterna. Este estudo visa a investigar quais os efeitos do declínio da função paterna para as novas formas de subjetivação na contemporaneidade.

Para tanto, nos propomos a analisar, a partir dos pressupostos etnográficos – mais especificamente das formulações de Claude Lévi-Strauss, em *Estruturas elementares de parentesco* –, a passagem do estado de natureza ao estado de cultura como condição de possibilidade do acesso à linguagem, assim como examinar, na obra de Sigmund Freud, o conceito de figura paterna como elemento mitológico fundador da cultura, em contraponto ao conceito, proposto por Lacan, de função paterna, que permite articular a tese lacaniana do declínio da função paterna como as novas formas de gozo evidenciadas na contemporaneidade.

Entendemos que a contemporaneidade trouxe consigo a necessidade de o homem desempenhar papéis antes atribuídos eminentemente às mulheres, entre eles a maternagem, função fundamental na constituição do bebê, e coube ao homem instrumentalizar-se nesse ofício. Enquanto o laço materno decorre de uma dimensão natural, baseada na percepção e na presença, o laço paterno introduz a dimensão do que não se vê, a dimensão da ausência.

As mudanças operadas nesse contexto têm como pano de fundo, por exemplo, o advento da industrialização e o lugar que a mulher passou a desempenhar no mercado de trabalho. Em contrapartida, o lugar paterno tem sofrido abalos ao longo dos tempos, e observamos que a queda do patriarcado e da autoridade prevista nesse lugar se diluí diante de tantos apelos das imagens virtuais e dos diferentes modos que são instituídos, na contemporaneidade, àquilo que chamamos educação.

As redes sociais, as mídias televisivas e os dispositivos móveis passam a ocupar o imaginário infantil de forma invasiva e sem limites. Esses novos dispositivos passam a legitimar um novo lugar, antes outorgado aos pais, como figuras de referência para seus filhos.

Em nosso capítulo referente à teoria freudiana, procuraremos trazer os fundamentos da primazia do complexo de Édipo, a qual se vincula, em Freud, à

importância da figura do pai, assim como procuraremos dissertar sobre os diferentes pontos de vista relativos ao valor da figura do pai, a partir dos apontamentos teorizados em seus clássicos textos, a fim de reconhecer as mudanças de enfoque propostas, posteriormente, por Lacan, em sua obra.

Já no capítulo sobre os atos de nomeação em Lacan, identificamos o modo como o autor avança na compreensão do Édipo. Trata-se, especificamente, da concepção de Lacan de que a criança assuma o falo como significante, faça dele instrumento da ordem simbólica das trocas, na medida em que o falo preside a constituição das linhagens, e, por fim, se confronte com essa ordem que fará, da função do pai, o pivô do drama.

Por último, realizamos a articulação dos conceitos desenvolvidos nos capítulos anteriores com os diferentes modos de expressão e subjetivação do sintoma na contemporaneidade, considerando que, se Freud atribui à figura paterna o importante papel de Lei, enquanto castração simbólica; em Lacan, esse lugar de corte se dá pela função paterna,

2 DA NATUREZA À CULTURA: ASSUJEITADOS À LINGUAGEM

Nossa civilização, como a conhecemos, tem historicamente passado por diferentes percalços. Dentre eles, podemos citar as duas grandes guerras mundiais, os genocídios (*Auschwitz*) provocados pela Alemanha nazista e os bombardeiros americanos em Hiroshima e Nagasaki. O que distingue, afinal, barbárie de civilização?

A concepção primeira de homem civilizado vincula-se à passagem do estado de natureza ao estado de cultura. Ao analisar o comportamento humano no estado de natureza, Lévi-Strauss destaca a anomia e conclui que: “Esta ausência de regra parece oferecer o critério mais seguro que permita distinguir um processo natural de um processo cultural. Nada há de mais sugestivo” (2008, p. 46). Para que o processo cultural fosse instaurado, foi preciso que o homem se submetesse à primeira grande proibição.

Na obra *As estruturas elementares de parentesco*, Lévi-Strauss desenvolve sua tese da interdição do incesto e aponta a necessidade de o ser humano romper com a sua organização no clã endogâmico, visto que “A proibição do incesto seria uma medida de proteção tendo por finalidade defender a espécie dos resultados

nefastos dos casamentos consanguíneos” (2008 [1949], p. 51), e de adotar a exogamia, instaurando a linguagem como o elemento interditor e fator legitimador da cultura. Afinal, segundo Lévi-Strauss, a instauração da cultura no interior de um grupo “difícilmente pode ser concebida sem intervenção da linguagem” (2008 [1949], p. 46).

Para Lévi-Strauss, a constância e a regularidade existem, a bem dizer, tanto na natureza quanto na cultura. Assim, passou-se a considerar que a proibição do incesto constituía uma regra social, de caráter universal. Lévi-Strauss postula tal universalidade alegando que

[...] a proibição do incesto apresenta, sem menor equívoco e indissolavelmente reunidos, os dois caracteres nos quais reconhecemos os atributos contraditórios de duas exclusivas, isto é, constituem uma regra, mas uma regra que, única entre todas as regras sociais, possui ao mesmo tempo caráter de universalidade. Não há praticamente necessidade de demonstrar que a proibição do incesto constitui uma regra. Bastará lembrar que a proibição do casamento entre parentes próximos pode ter um campo de aplicação variável, de acordo como o modo com cada grupo define o que entende por parente próximo (2008 [1949], p. 47).

Por que devemos instituir na cultura uma lei que possa proibir nosso impulso diante do outro? Haveria a tendência natural de sermos incestuosos? Lévi-Strauss invoca diversas bizarrices encontradas no folclore de diferentes povos primitivos, principalmente entre os australianos, referentes à descendência de pais incestuosos. Tal tendência se explicaria, segundo Lévi-Strauss, pela teoria psicanalítica, já que: “A psicanálise descobre um fenômeno universal não na repulsão em face das relações incestuosas, mas, ao contrário, na procura delas” (2008 [1949], p. 55).

A concepção de Freud sobre a origem da humanidade pode ser sintetizada na fórmula: no princípio era o parricídio. Podemos identificar, a partir dos estudos psicanalíticos de Freud em o *Totem e tabu* (1995 [1913]), que seu mito do parricídio procura estabelecer a origem de uma possível civilização pela incorporação do pai da horda primeva.

Conforme Freud: “Se chamarmos a celebração da refeição totêmica em nosso auxílio, podemos encontrar uma resposta. Certo dia, dois irmãos que tinham sido expulsos retornam juntos, mataram e devoram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal” (1995 [1913], p. 145). Em outras palavras, era preciso que o pai tirânico morresse e que seus filhos o incorporassem para que, assim, se manifestassem como senhores de seus destinos.

Para Freud (1995 [1913], p. 146), após se terem livrado do pai, satisfeito o ódio e postos em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir, e emergiu sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa instaurou-se em toda a horda, e o pai morto tornou-se mais forte do que quando estava vivo.

É em *Totem e tabu* que surgem as principais contribuições de Freud à antropologia social, sustentadas pela hipótese da horda primeva e da morte do pai primevo como elementos fundadores da quase totalidade das instituições sociais e culturais posteriores. Mario Fleig (2009, p. 293), em seu texto “Quando a paternidade deixa de ser uma conjectura”, refere: “Sabemos que o lugar central atribuído por Freud ao pai e sua função já fora assinalado em *Totem e Tabu*, quando conclui que a origem da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo”.

A importância do complexo de castração, que é tão caro a Freud, não cessa de se inscrever na obra de Lacan. Com a queda do patriarcado, o lugar do pai definido historicamente no modelo paternalista é ameaçado e ocorre a gradativa perda do valor fálico do pai na cultura e na tradição. Diante de tal contexto, evidencia-se que a importância do estudo aqui proposto resulta, justamente, da necessidade de reflexão sobre os efeitos psíquicos do declínio da função paterna na contemporaneidade. Segue Fleig, nos dizendo que:

Ora, o patriarcado, como propõe Freud, é uma organização simbólica oriundo do judaísmo e do cristianismo, e que implica que o pai, como instância simbólica e referente (o falo simbólico) não se encontra na realidade, mas no real. Então, por estar no real, expulso tanto do imaginário quanto do simbólico, o pai (e seus equivalentes, o patriarca, o rei e os deuses, etc.) é impossível de ser conhecido. Deus, a exceção fundadora e causa primeira, só pode ex-sistir ao simbólico e ao imaginário como atesta o mito freudiano do pai da horda primitiva subsiste enquanto morto (2009, p. 295).

A origem dessa discussão encontra-se no texto *Os complexos familiares*, em que Lacan sustenta o declínio da função social da imago paterna, já observado por ele em 1938, e defende que a função paterna é uma função de nomeação, função essa que dá um lugar e referência ao bebê e que, segundo Lacan, consiste em “traços que só parecem justificáveis inicialmente se, em sua forma típica, ela se exerce do pai para o filho. Aí se encontra o cerne do complexo de castração” (2002 [1938], p. 44).

2.1 DE FREUD A LACAN: A FIGURA DO PAI E OS ATOS DE NOMEAÇÃO

2.1.1 A FIGURA DO PAI EM FREUD

Na teoria freudiana, a primazia do complexo de Édipo se vincula à importância da figura do pai, e diferentes pontos de vista sobre o valor da figura do pai emergem em seus textos, sofrendo mudanças de enfoque a partir das observações da clínica. A primeira menção encontra-se na Carta 69, mas a figura do pai é retomada ao longo de toda a sua obra. Na teoria freudiana, a introdução da criança no universo das leis e das regras se dá, fundamentalmente, pela via da interdição do incesto.

Esse aspecto teórico é evidenciado, em sua origem, também no texto *As teorias sexuais infantis*, no qual Freud (1995 [1908]) coteja as primeiras teorias feitas pelas crianças sobre sua possível origem, como ideias de fertilização pela boca, do nascimento pelo ânus, das relações sexuais dos pais como algo sádico e da posse de um pênis por membros de ambos os sexos.

Nesse texto, é mencionada, pela primeira vez, a importância do pênis para as crianças de ambos os sexos, os resultados da descoberta de que um dos sexos não o possui, o aparecimento na menina da inveja do pênis e, nos meninos, do conceito da mulher com pênis. Por último, encontramos também a primeira menção e o primeiro exame explícito do complexo de castração (FREUD, 1995 [1908], p. 190), cujo prenúncio fora uma obscura referência a uma ameaça de castração em *A interpretação dos sonhos* (1995 [1900]).

É em Freud que podemos considerar contemplada a primeira grande formulação existencial, da criança: “Sob a instigação desses sentimentos e preocupações, a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta a si mesma: De onde vem os bebês? – indagação cuja forma original certamente era: De onde veio esse bebê intrometido?” (FREUD, 1995 [1908], p. 192).

Já a partir de seu texto *A dissolução do complexo de Édipo* (1995 [1824]), Freud disserta sobre os meandros impostos na relação pai, mãe e filho, denotando primazia e importância à figura paterna nessa conflitiva e nos fazendo compreender que:

O complexo de Édipo ofereceu à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. Ela poderia colocar-se no lugar de seu pai, à maneira masculina, e ter relações com a mãe, com o pai, caso em que cedo teria sentido o último como um estorvo, ou, poderia querer assumir o

lugar da mãe a ser amado pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua (FREUD, 1995 [1924], p. 220).

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud adverte que:

O complexo de Édipo, contudo, é uma coisa tão importante que o modo por que o indivíduo nele se introduz e o abandona não pode deixar de ter seus efeitos. Nos meninos (como demonstrei amplamente no artigo a que acabo de que me referir [1924d] e ao qual todas as minhas atuais observações estão estreitamente relacionadas), o complexo não é simplesmente recalçado; é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e, em parte, sublimadas; seus objetos são incorporados ao eu, onde formam o núcleo do supereu e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades características (1995 [1925], p. 319).

Para Freud, no texto *Sexualidade feminina*, “Durante a fase do complexo de Édipo normal, encontramos a criança ternamente ligada ao genitor do sexo oposto, ao passo que seu relacionamento com seu próprio sexo é predominantemente hostil. No caso do menino, isso não é difícil de explicar. Seu primeiro objeto amoroso foi a mãe”. (FREUD, 1995 [1931], p. 259). Com a menina, é diferente. Também seu primeiro objeto de amor foi a mãe. Como encontra o caminho para o pai? Como, quando e por que se desliga da mãe? Há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constitui sua principal zona genital – o clitóris – em favor de outra, a vagina.

Já em *A divisão do eu no processo de defesa* (1995 [1938]), Freud faz alusão à ameaça de castração, ou a ser castrado pelo pai, remetendo a um fragmento primitivo da mitologia grega que nos conta como Cronos, o velho Deus Pai, engoliu os filhos e procurou engolir seu filho mais novo, Zeus, tal como os restantes, e como Zeus foi salvo pela habilidade de sua mãe, tendo, posteriormente, castrado seu pai. (FREUD, 1995 [1938], p. 312).

A figura do pai seria essa que interdita a criança e que, ao mesmo tempo, priva a mãe de *engolir* o bebê, não o deixando à mercê do outro materno. Já a castração precisa atuar tanto para mãe quanto para o pai de uma maneira diferenciada, na medida em que o pai seria o representante da experiência de castração.

É a partir do simbólico que toda a economia subjetiva está, diferente do que ocorre nas psicoses, onde não há interdito. Segundo Charles Melman, “A castração

é, pois, primordialmente o resultado de nossa relação com a linguagem, e a prova disso está no que se passa no psicótico, que sofre de uma carência paterna que o expõe, bem mais do que a um outro, aos acasos, às incidências brutais” (2000, p. 122). A castração nos impõe o possível, na medida em que essa dimensão simbólica não se faz presente, emergirá no real, nos colocando erráticos em nosso destino.

2.1.2 OS ATOS DE NOMEAÇÃO EM LACAN

Nomear o pai como agente do drama não parece tão simples assim. Há que se considerar, acima tudo, sobre como foi que tal função veio ao centro da organização simbólica. Como subsídio para compreender essa questão, será necessário discorrer abaixo sobre o tríplice aspecto: do pai simbólico, do pai imaginário e do pai real.

Lacan aponta que “Não é possível articular o que quer que seja sobre a incidência da castração sem isolar a noção de privação, na medida em que ela é o que chamei de furo real” (1995 [1956-1957], p. 223). Para Lacan, o pai pode ser compreendido através dos registros simbólico, imaginário e real, como explicita no *Seminário 4*:

O pai simbólico, por sua vez, é uma necessidade da construção simbólica, que só podemos situar num mais-além, diria que que numa transcendência, pelo menos como um termo que, como lhes indiquei de passagem, só é alcançado por uma construção mítica. *O pai imaginário* é aquele com que lidamos o tempo todo. É a ele que se refere, mais comumente, toda a dialética, a da agressividade, a da identificação, a da idealização pela qual o sujeito tem acesso à identificação ao pai. *O pai real* é uma coisa completamente diferente, do qual a criança só teve uma apreensão muito difícil, devido à interposição de fantasias e à necessidade da relação simbólica (1995 [1956-1957], p. 225, grifos nossos).

Na teoria lacaniana, o complexo de Édipo não se dá mais a três: pai, mãe e filho. Conforme Lacan, há um quarto elemento, que é o falo. O falo é um operador significativo que irá castrar inclusive o pai. A criança irá descobrir, no segundo momento do Édipo, que também o pai é castrado, e isso implica um deslocamento da formulação do pai para a lei, que o pai não é o senhor da lei, não é o dono da lei.

Afinal, segundo Lacan, “Não é outra coisa que motiva, na construção do *Totem e tabu*, a analogia entre o pai e o totem. Estes objetos têm com efeito, uma

função bem especial, que é suprimir o significante do pai simbólico” (1995 [1957-1957], p. 234).

A passagem do ternário em Freud para o quarto elemento em Lacan permite ler o complexo de Édipo como uma estrutura. É a partir da concepção freudiana de figura do pai que Lacan introduz na psicanálise a noção de gozo. Conceito esse que surge para dar conta de uma insuficiência naquilo que comumente chamamos de ganho primário na doença, premissa que nos faz ler as novas formas de gozo na contemporaneidade.

Freud apresenta-nos, a partir do mito de Édipo, sua teoria da estruturação do sujeito, mito funcional, na medida em que nos permite compreender como se constitui a subjetividade. Em outras palavras, o complexo de Édipo freudiano nos dá a base para interrogar os enigmas da nossa origem.

Lacan avança na teorização sobre o Édipo, propondo verificar o que está em jogo no fim da fase pré-edipiana e na borda do Édipo. Trata-se, especificamente, de que a criança assuma o falo como significante, de tal maneira que faça dele instrumento da ordem simbólica das trocas, na medida em que o falo preside à constituição das linhagens. Em suma, de que a criança se confronte com essa ordem que fará da função do pai o pivô do drama. (1995 [1956-1957] p. 204).

A teoria de Lacan, ao refletir sobre a criança edipiana em Freud, propõe-se a identificar que “a criança fica na posição de engodo em que se insinua junto a mãe” (1995 [1956-1957], p. 205). Essa posição coloca a criança em uma cilada em relação a esse primeiro Outro (a mãe), posição essa que se dá pelo gozo excessivo experimentado na relação. No caso do menino, especificamente, Lacan enuncia:

a função do Édipo parece muito mais claramente destinada a permitir a identificação do sujeito com o seu próprio sexo, que se produz, em suma, na relação ideal, imaginária, com o pai. Mas não é este o verdadeiro objetivo do Édipo, que é a justa situação do sujeito com a referência à função do pai a essa posição tão problemática e paradoxal de ser um pai (1995 [1956-1957] p. 208).

Lacan, em seu retorno a Freud, dá ênfase à pergunta primordial freudiana: o que é ser um pai? Essa pergunta traduziria a síntese da obra de Freud para Lacan. Portanto, em Freud, a superação da hostilidade em relação ao pai, pelo complexo de Édipo, dá-se no menino, legitimamente, ligado ao recalque. Freud considera que o declínio do complexo de Édipo ocorre, mais ou menos por volta dos cinco anos de idade, deixando suas marcas para todo o sempre (1995 [1956-1957], p. 212).

Já em Lacan, há a ideia de um jogo de posições fundamentais na estruturação do pequeno *infans* (àquele que ainda não fala), há um momento em que tudo oscila, é quando se dá a passagem que acrescenta ao jogo a dimensão esperada, o plano da relação simbólica. É nesse momento da virada que o objeto (falo) não é mais o objeto imaginário com o qual o sujeito pode tapear, mas o objeto sobre o qual um Outro é sempre capaz de mostrar que o sujeito não o tem, ou tem de forma insuficiente. É justamente por esse motivo que Lacan aponta que “se a castração exerce esse papel essencial para toda a continuação do desenvolvimento, é porque ela é necessária à assunção do falo materno como objeto simbólico” (1995 [1956-1957], p. 213).

Em outras palavras, é condição, *sine quo non*, o exercício da castração para que o menino possa aceder à posição de heterossexualidade, que a castração, como tal, seja o ponto de partida. Insistimos no aspecto que diferencia a posição feminina, ao contrário do menino que já possui um pênis, será preciso que ela obtenha de algum outro, do real no simbólico, ou seja, aquele que realmente é o pai. Reafirma Lacan que “é por isso que ninguém pode dizer, finalmente, o que é um pai, a não ser no jogo jogado com o pai, jogo de perde e ganha” (1995 [1956-1957], p. 214).

Segundo Marcos e Sales (2017), o que Lacan pretendia, ao nomear o produto da metáfora paterna como Nome do Pai, foi destacar sua origem na religião cristã, permitindo compreender a paternidade de Deus expressa pela figura de Cristo. No entanto, a paternidade de Deus não está presente apenas no cristianismo. Encontra-se no judaísmo, do qual o cristianismo é descendente, mas este reforça a concepção de que Deus é pai. Sua paternidade é destinada a atender ao povo, e não necessariamente a uma única pessoa, o Cristo. Para Lacan, Deus como pai-universal é analisado em articulação, indissociável, com a noção de Nome do Pai (MARCOS; SALES, 2017, p. 6).

3 DO DECLÍNIO DA FIGURA PATERNA ÀS NOVAS FORMAS DA OPERAÇÃO DA FUNÇÃO PATERNA

O conceito laciano de “função paterna” traz uma importante contribuição quando se busca interrogar os novos modos de subjetivação na contemporaneidade. Abordamos, nos capítulos anteriores, que o interesse de Freud recai sobre a “figura paterna”, tendo em vista um modelo patriarcal já em declínio histórico. Podemos constatar em Lustoza e *et. al.*: “Na época de Freud, a moral da sociedade repressiva promovia a interdição do gozo; já hoje, em que está proibido proibir, em que a barreira ao gozo parece ter sido removida, os sujeitos parecem concluir que tudo é permitido”. (LUSTOZA *et. al.*, 2014, p. 2).

A hipótese de que os “novos sintomas” da contemporaneidade estariam vinculados ao declínio da função paterna requer, entretanto, que se evite incorrer em alguns equívocos de avaliação:

Começemos pelo termo “função paterna”. Afirmar seu declínio é legítimo, se com isso nos limitamos a constatar a dissolução dos grandes códigos de conduta que governavam a sociedade. Faz-se, porém, uma extrapolação abusiva quando se pretende tratar o dito declínio como uma derrocada do Nome-do-pai (como operador psíquico). Como nem sempre nos textos de psicanalistas essa discriminação é feita, muitos acabam assimilando de modo equívoco a decadência da lei simbólica a um apagamento do Nome-do-pai. Isso leva a certas confusões, como afirmar que estaria em cena uma nova subjetividade, a qual teria desalojado o velho sujeito neurótico freudiano de seu antigo posto; ou afirmar que a sociedade tornou-se majoritariamente psicótica ou perversa. (LUSTOZA *et. al.*, 2014.p. 2).

Na contemporaneidade, o discurso da ciência tornou-se panfletário e trouxe consigo uma emergente patologização que incentiva a medicalização e o uso abusivo de antidepressivos para qualquer afeto que se nomeie tristeza, ou seja, não é mais possível ficarmos tristes, se isso acontecer, precisamos ser medicados. Segundo Zenoni,

Para fazer o papel da normatização das relações imaginárias que a estrutura lhe atribui, o próprio pai, na condição de normatizante, deve ser anulado no plano da presença e da imagem. Ele só atinge o status simbólico de sua função por meio da anulação de sua própria condição de ser vivo. Sua operatividade é a de um ausente, o que os mitos freudianos expõem sob a forma do pai morto ou do pai assassinado. Sua operatividade fica reduzida à operatividade de um Nome (ZENONI,2007, p. 3).

Há também, na esteira dos novos nomes da tristeza, outras formas de expressão do sofrimento, tais como: transtorno de hiperatividade (hiperatividades), transtornos de déficit de atenção, bulimia, anorexia e novas toxicomanias, que já são endêmicas.

Para Lustoza *et al.* (2014, p. 5),

O ponto de partida clínico é que se assiste hoje a uma ascensão de patologias cujo ponto em comum seria sua profunda repelência à palavra, o que as tornariam impermeáveis à interpretação psicanalítica tradicional. O paciente parece imerso num sofrimento silêncio.

Parece acorrer a falência da palavra, mas a favor de crescentes passagens ao ato, ou seja, portanto, a palavra não opera mais como mediadora simbólica, que permitiria romper com a alienação proposta pelos artifícios e dispositivos da cultura. Quando Melman pergunta o que é um pai simbólico (200, p. 120), nos faz compreender, a partir dos sintomas de jovens delinquentes, como são frequentes e constantes as passagens ao ato, pois esses jovens se encontram em estado de carência em relação ao signo que viria a fundá-los em sua pertença sexuada, sua pertença sexual. (Melman, 2000.p. 120). No mesmo sentido, Lustoza *et al.* destacam que,

Na clínica contemporânea, essa dupla operação não parece possível. Pois o que está problematizado é a própria dimensão da demanda. Miller & Laurent (2005) chamam tal demanda de convulsiva, pois visa obter o objeto de gozo de forma direta e ininterrupta. É como se houvesse uma busca imediata pela satisfação, num curto-circuito em que o sujeito se poupa de se dirigir ao grande Outro simbólico na busca de gozo. Busca-se desse modo uma satisfação que não passa pelo Outro e sim pelo próprio corpo, e que constituiria uma forma de autoerotismo (2014, p. 6).

Assim, a clínica nos ensina que, na medida em que o paciente demanda questões à pessoa do analista, questões essas pertinentes a seu sofrimento, o psicanalisante está colocando o analista em uma posição ternária, ou seja, fazendo com que sua mensagem possa retornar do grande Outro. Contudo, a partir da não inscrição do Nome do Pai, identificamos uma transferência maciça na posição do analista, o que lhe convoca para que responda à necessidade de cura, e não à demanda do saber (LUSTOZA *et al.*, 2009, p. 9).

Poderíamos identificar esse fenômeno circunscrito no chamado sintoma social, tendo em vista que o capitalismo irá tomar sua forma quando os sujeitos se encontram inscritos em um discurso que privilegia o gozar a qualquer preço. Inclusive porque, “Em termos psicanalíticos, diríamos que o gozo torna-se mais importante que o desejo” (LUSTOZA *et al.*, 2009 p. 10). O capitalismo estimula reações subjetivas a esse discurso de gozo, fazendo com que cada um possa

encontrar satisfações nos objetos do mundo, tais como: plásticas em excesso, tatuagens, medicalizações, compras/dívidas e outros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ousamos em nosso trabalho diagnosticar uma progressiva e passiva queda das figuras tradicionais de autoridade em nosso tempo, do declínio patriarcal à dispensa do Pai por regimes tecnológicos, tais como a fertilização *in vitro*, por exemplo.

Neste texto, mesmo que de forma inesgotável, procuramos abordar as diferentes posições propostas por Freud e, após, por Lacan da noção do pai, que possibilita aprender com Freud que a figura do pai tem o papel de interditor – portanto, simbólico –, que consagra na matriz do nascimento um destino, porque não dizer, menos trágico para o sujeito.

De outro lado, em Lacan, o significante Pai torna-se um estatuto de sintoma (Nome do pai), em seu primeiro ensino, e, por fim, ele conclui, em seus escritos, que a função paterna faria a operação do quarto elo, ligando os três registros na cadeia borromeana, à sua função de *sinthoma*.

O fundamental em nosso texto é desprender-se de uma ideia do pai que o identifica à função do interdito, que o limita ao puro significante, que o mede sob os parâmetros de uma perfeição simbólica. Confirmando a tese de Lacan, de que a verdadeira operação da função do Paterna, é, fundamentalmente, a de unir, não fazendo oposição do desejo à lei.

Afinal de contas, as diferentes versões do pai propostas em nossa história denotam que, com efeito, sua ausência, precisa, que uma vez tenha sido instaurado sua função, para depois dispensar o pai, na maioria das vezes, cada um tem que se virar. Lacan, refere, por fim, em seu ensino que é preciso se servir do Nome do pai na análise, com a finalidade de reduzir a sintoma nosso modo de gozar.

REFERÊNCIAS

CHEMAMA, Roland. (Org.). *Dicionário de psicanálise*. Trad. de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREUD, S. Carta 69 (1896). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. 1. p. 317-324.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913). In: _____. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 1995. v.13. p. 145-146.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 1995. v. 19. p. 191-221.

FREUD, S. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. 9. p. 189-204.

FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1823). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. 19. p. 177-184.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1824). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. 19. p. 215-224.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. 19. p. 303-320.

FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. 21. p. 257-279.

FREUD, S. A divisão do eu no processo de defesa (1940). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. 23. p. 307-312.

FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. 23. p. 241-287.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 2; o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). Trad. de Marie Christine Laznik Penot e Antonio Quinet. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985a.

LACAN, Jacques. *O Seminário - Livro 4; A relação de objeto* (1956-1957). Trad. de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. *O Seminário - Livro 5; As formações do inconsciente* (1957-1958). Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938). Trad. de Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Júnior. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 11; os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964). Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985b.

LACAN, Jacques. *A família* (1936). Trad. de Brigitte Cardoso e Cunha, Ana Paula dos Santos, Graça Lamas e Graça Lapa. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987a.

LACAN, Jacques. (1966). Subversão do sujeito e a dialética do desejo ao inconsciente freudiano. In: _____. *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar. 1998. p. 813-824.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: _____. *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998a. p. 96-103.

LACAN, Jacques. A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em psicanálise (1955). In: _____. *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998b. p. 402-437.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998c. p. 238-324.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco* (1949). 4. ed. Trad. de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2008.

LUSTOZA, Rosane Zétola; CARDOSO, Mauricio José d' Escragnolle and CALAZANS, Roberto. "Novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2014, vol.17, n.2, pp. 201-213. ISSN 1516-1498. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982014000200003>. Acesso em: 12 de janeiro de 2017.

MARCOS, Cristina Moreira; SALES, Eduardo Augusto de Souza. Os nomes do pai e a generalização da castração. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2017, vol.20, n.2, pp. 575-590. ISSN 1809- 4414. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142017002013>. Acesso em: 28 de junho de 2018.

MORAIS, Maria de Fátima Belo; LYRA, Maria Amélia Alves. Congresso Internacional de Psicanálise. (2008: Recife, PE). A Criança e o adolescente no século XXI: Desafios psicanalíticos, políticos e sociais: 30 e 31 de outubro, 1 de novembro 2008/ Centro de Estudos Freudianos do Recife e Escola de Estudos Psicanalíticos:– Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife: Escola de e Estudos Psicanalíticos, 2009. 443 p.

MELMAN, Charles. A função paterna. Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APOOA). Imigração e fundações – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. 205p.

PRATA, Maria Regina dos Santos. Os processos subjetivos e os jogos de verdade da psicanálise frente à transformação do lugar do pai. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2012,

vol.15, n.2, pp. 217-232. ISSN 1516-1498. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982012000200001>. Acesso em: 23 de março de 2018.

ZENONI, Alfredo. Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai. *Psicologia em Revista Belo Horizonte*, v. 13, n. 1, p. 15-26, jun. 2007. > http://www2.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20080521171150.pdf. Acesso em: 16 de maio de 2018.